



SERVAS DO DEUS BRANCO: CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS PARA COMPREENSÃO DO SOFRIMENTO EMOCIONAL DE MULHERES NEGRAS DE UMA CONGREGAÇÃO DA ASSEMBLEIA DE DEUS EM CASTANHAL, PARÁ, BRASIL

Alef Monteiro*

RESUMO

O artigo é um ensaio psicanalítico que sintetiza parte dos resultados de uma pesquisa realizada em uma congregação da Assembleia de Deus em Castanhal, Pará, Brasil. O objetivo é elucidar alguns aspectos concernentes ao racismo no ideal de Ego e Superego das participantes da pesquisa, bem como alguns de seus efeitos na salubridade mental delas. Os dados reunidos foram gerados a partir de entrevistas semiestruturadas e observação participante. Os resultados evidenciam a presença de um ideal de Ego e Superego alicerçados na imagem do Deus branco. Conclui-se que, na situação em questão, as mulheres negras possuem uma experiência religiosa ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que o trauma racial é reforçado, a religião oferece canais de desvio da descarga emocional.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Ideal de Ego. Superego. Mulheres Negras. Saúde Mental.

SERVANTS OF THE WHITE GOD: PSYCHOANALYTIC CONTRIBUTIONS TO UNDERSTANDING THE EMOTIONAL SUFFERING OF BLACK WOMEN IN AN ASSEMBLY OF GOD CONGREGATION IN CASTANHAL, PARÁ, BRAZIL

ABSTRACT

The paper is a psychoanalytic essay that synthesizes part of the results of a research carried out in a congregation of the Assembly

* Sociólogo e antropólogo, é doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).
alefmonteiro1@gmail.com .



of God in Castanhal, Pará, Brazil. The objective is to elucidate some aspects concerning racism in the ideal of Ego and Superego research participants', as well as some of its effects on their mental health. The collected data were generated from semi-structured interviews and participant observation. The results show the presence of an ideal of Ego and Superego based on the image of the white God. It is concluded that, in the situation in question, black women have an ambivalent religious experience, since, at the same time that the racial trauma is reinforced, religion offers channels for deviating from the emotional discharge.

Keywords: Pentecostalism. Ideal of Ego. Superego. Black Women. Mental health.

SIERVAS DEL DIOS BLANCO: CONTRIBUCIONES PSICOANALÍTICAS PARA COMPRENDER EL SUFRIMIENTO EMOCIONAL DE LAS MUJERES NEGRAS EN UNA CONGREGACIÓN DE LA ASAMBLEA DE DIOS

RESUMEN

El artículo es un ensayo psicoanalítico que sintetiza parte de los resultados de una investigación realizada en una congregación de la Asamblea de Dios en Castanhal, Pará, Brasil. El objetivo es dilucidar algunos aspectos relacionados con el racismo en el ideal de ego y superego de los participantes de la investigación, así como algunos de sus efectos sobre su salud mental. Los datos reunidos se generaron a partir de entrevistas semiestructuradas y observación participante. Los resultados muestran la presencia de un ideal de Ego y Superego basado en la imagen del Dios blanco. Se concluye que, en la situación en cuestión, las mujeres negras tienen una experiencia religiosa ambivalente, ya que, al mismo tiempo que se refuerza el trauma racial, la religión ofrece canales de desvío de la descarga emocional.

Palabras claves: Pentecostalismo. Ideal del Ego. Super ego. Mujeres negras. Salud mental.

1. INTRODUÇÃO

Não se pode desprezar a influência da cultura (em suas várias manifestações) na salubridade mental e no desenvolvimento das síndromes e transtornos do psiquismo. Como argumenta Christian Dunker (2020), a cultura é instância geradora de mediações de linguagem indispensá-



veis ao enfrentamento dos sofrimentos durante e antes da formação de sintomas. Os exercícios físicos, a gastronomia, a dança, o hábito de dialogar, as devoções religiosas, os meios de comunicação, as artes, as letras etc. não apenas nos ensinam “como sofrer e, reciprocamente, como tratar o sofrimento no contexto coletivo e individual do cuidado de si” (Christian DUNKER, 2020, p. 33), eles também proporcionam a qualquer pessoa os meios e formas de “contar sua própria história, de entender a lógica de seus conflitos, de nomear a recorrência de seu mal-estar” (Christian DUNKER, 2020, p. 34), e, por isso mesmo, conclui Dunker (2020), a experiência cultural pode enriquecer o desenvolvimento de uma personalidade mais sensível e mais dotada de recursos de profilaxia mental básica.

Entretanto, a deterioração da salubridade mental via experiência cultural também é possível. Na verdade, essa deterioração é inevitável, haja vista que existem normas culturais que reprimem desejos (Sigmund FREUD, 2010) e, também, produções culturais que violentam sobremaneira certos sujeitos, sujeitas e grupos populacionais que vivem em contextos de desigualdade e dominação resultando, nessa feita, em situações incômodas, aviltantes e por isso mesmo traumáticas (Frantz FANON, 2019). Em termos psicanalíticos, a cultura é entendida como um conjunto heterogeneamente paradoxal de produtos geradores de malefícios e benefícios à vida psíquica. Daí surge a demanda individual e coletiva de encontrar, construir e desconstruir na cultura os elementos que dão mais ou menos resiliência aos sofrimentos inevitáveis da vida; que estimulam mais ou menos pulsões positivas e negativas.

Esse consenso psicanalítico foi tomado por mim, como hipótese, ao revisitar os dados etnográficos que gerei durante uma pesquisa de campo junto a uma congregação da Assembleia de Deus na periferia urbana de Castanhal, no Pará. Na época, meu intuito era compreender algumas relações perpassadas pelo racismo ou pela negritude no seio dessa comunidade religiosa. Para isso realizei, entre os meses de outubro de 2016 e fevereiro de 2017, uma pesquisa de campo composta por observação participante e realização de entrevistas semiestruturadas. As técnicas de registro foram diários de campo e gravação das entrevistas em áudio para posterior transcrição.

Os critérios que me levaram à escolha da congregação tiveram por base um tipo ideal¹ de igreja pentecostal de periferia urbana que naquele momento muito me interessava, a saber, igrejas presentes em assentamentos precários urbanos²; compostas por maioria negra; e com população exposta a vulnerabilidades socioeconômicas. Esse tipo ideal pode ser presumido de trabalhos clássicos sobre o tema como, por exemplo, os de Peter Fry e Gary Howe, e Marco Davi de Oliveira (Peter FRY; Gary HOWE, 1975; Marco OLIVEIRA, 2015).

Nessa tipologia se encaixava a Assembleia de Deus do Bairro Ana Júlia, em Castanhal. Até 2017, essa área residencial formada a partir de uma invasão³ nas cercanias do bairro Novo Estrela, não possuía rua asfaltada ou calçada; não dispunha de coleta e tratamento de esgoto e resíduos sólidos; não havia escola ou posto médico; o sistema de água e energia elétrica tinha sido ligado há apenas três anos e meio, não obstante os oito anos de ocupação do lugar. Quanto aos moradores, de acordo com o “Mapa da Cor” (BRASIL, 2010) com o qual coincidiram tanto a opinião dos congregados e congregadas, quanto minha própria observação *in loco*, a maioria era negra (preta ou parda).

Ora, em contextos de precariedades tais (os assentamentos precários urbanos), sobrecarga cognitiva e tensão emocional fazem parte da vida. A condição constante de insalubridade; medo e preocupação devido à insegurança alimentar; falta de atendimento básico à saúde, segurança, e outras necessidades cotidianas; as discriminações raciais e introjeção de discursos de inferioridade racial e de classe impedem o bem-estar emocional e explicam, em grande parte, a histórica prevalência de transtornos mentais entre pessoas negras no Brasil (Jenny

¹ De acordo com a formulação de Weber (1979), os tipos ideais são modelos do real que, mesmo sendo uma aproximação baseada em indícios, “permitem-nos ver se, em traços particulares ou em seu caráter total, os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções, determinar o grau de aproximação do fenômeno histórico e o tipo construído teoricamente. Sob esse aspecto, a construção [do tipo ideal] é simplesmente um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas” (Max WEBER, 1979, p. 372).

² Assentamentos precários urbanos são áreas urbanas que apresentam três características: 1) irregularidade da posse da terra e/ou das construções; 2) precariedade ambiental; 3) carência social (Adalto CARDOSO, 2016).

³ No Pará, é como se chama um tipo específico de aglomerado urbano que se equivale ao que no Sudeste é chamado de “favela”.



SMOLEN; Edna ARAÚJO, 2017). Nesses espaços, as igrejas pentecostais se proliferam oferecendo respostas às aflições (Peter FRY; Gary HOWE, 1975) e demandam estudos sobre a qualidade dessas respostas, especialmente no que diz respeito aos seus efeitos na saúde mental da população negra periférica.

Sendo assim, retornei aos dados de minha pesquisa na intenção de oferecer uma modesta contribuição à compreensão da influência da cultura (particularmente uma de suas manifestações, o pentecostalismo) na salubridade mental, na vivência e no enfrentamento do sofrimento por pessoas negras periféricas. O estudo se constituiu em uma pesquisa psicanalítica baseada em material etnográfico. Da amostra de participantes, 10 pessoas entrevistadas eram negras, das quais 6 eram mulheres. Por ter obtido maior conteúdo qualitativo nas entrevistas com as mulheres, o material analisado se restringiu a essas 6 entrevistas que foram compreendidas também com ajuda de alguns dados do meu diário de campo.

Os resultados das minhas análises estão sintetizados neste texto cujo objetivo é elucidar alguns aspectos concernentes ao racismo no ideal de Ego e Superego das participantes da pesquisa, bem como alguns de seus efeitos na salubridade mental delas. O método que empreguei na organização e análise do material foi o hipotético-dedutivo (Karl POPPER, 1975) desenvolvido em três etapas, a saber: levantamento de hipóteses com base na literatura especializada (psicanálise de linha Freudiana); análise situacional do fenômeno a partir do que foi registrado, e interpretação/dedução da situação.

Como última observação introdutória, quero apenas deixar claro que os dados expostos são um recorte. Eles dizem respeito apenas a situações de racismo no contexto pentecostal estudado e não focam nos processos de ressignificação e empoderamento étnico-racial de sujeitos e sujeitas a partir da religião como já ocorre, mesmo que em pequena escala, mas inegavelmente presente, no meio evangélico assembleiano e no meio evangélico em geral em outros lugares do país.

O núcleo do texto está dividido em três seções. Na primeira, descrevo os aspectos do ideal de Ego e o Superego das participantes relacionados ao racismo. Na segunda, aponto os efeitos do Ideal de Ego



e Superego na salubridade mental das mulheres negras. E na terceira seção elucidado alguns dos canais de desvio do trauma racial das mulheres negras adeptas do pentecostalismo assembleiano.

2. A COR DE DEUS E A COR DE SUAS SERVAS: DESVENDANDO O IDEAL DE EGO E O SUPEREGO DAS MULHERES NEGRAS ASSEMBLEIANAS

Na descrição que fez do aparelho psíquico, Freud (2016) apresenta três funções anímicas do cérebro. A mais antiga foi chamada de Ide, e “seu conteúdo engloba tudo o que foi herdado, trazido com o nascimento e que foi constitutivamente estabelecido; especialmente, portanto, as pulsões, oriundas da organização corporal” (Sigmund FREUD, 2016, p. 75-76). A influência do mundo exterior real (e aqui podemos presumir a seleção natural) sobre os organismos deu origem a outra função cerebral responsável por organizar/mediar o Ide e o mundo exterior. Essa segunda função Freud chamou de Ego, e uma de suas principais características é a disposição sobre os movimentos voluntários levando em consideração as pulsões do Ide e o mundo exterior. O Ego se desenvolve a partir de pelo menos duas maneiras: as experiências de sucesso e insucesso e a observação dos sucessos e insucessos alheios.

A terceira função anímica é o Superego e ela surge a partir da influência de autoridades morais durante a socialização. Sua principal característica é a tendência à repetição dos modelos morais internalizados, fato que, por vezes, choca-se com o Ide e, por isso mesmo, ressalta Freud, “uma ação do Eu [Ego] é, portanto, correta se supre as exigências do Isso [Ide], do Supereu [Superego] e da realidade, ou seja, se logra conciliar entre si as exigências dessas três instâncias” (Sigmund FREUD, 2016, p. 77).

Dessas três funções anímicas do cérebro, as duas últimas são substancialmente influenciadas pelo meio social. O Ego, na tentativa de atender a pulsão de Eros que objetiva a unidade, a ligação, percebe os comportamentos que são mais ou menos rejeitados pela coletividade e, a partir daí, produz um ideal de Ego (modelo de conexão entre a libido e a cultura) que tenta implementar a todo momento. No entanto, o Ego,



por si mesmo, ignora o fato de a rejeição e a aceitação de comportamentos pelo meio social serem produtos de processos históricos estruturais.

No que diz respeito às sociedades ocidentais e, particularmente, a Brasileira, o racismo se destaca como fenômeno estrutural (Silvio ALMEIDA, 2019) que determina o ideal de Ego. Essa foi a conclusão de Neusa Santos Souza (1983) que já na década de 1980 afirmava que na sociedade brasileira, por causa do racismo, o ideal de Ego é branco de sorte que se assemelhar a um branco, em termos psicossociais, resulta em ser aceito (Neusa SOUZA, 1983). Quanto ao Superego, sua característica fundamental de coligar os modelos morais socialmente produzidos e legitimados, e de os internalizar e tentar reproduzi-los, coloca-o à mercê dos processos estruturais que produzem os códigos morais.

Se a teoria psicanalítica freudiana estiver certa, um dos caminhos para se desvendar o ideal de Ego e o Superego consiste em tentar trazer à consciência a imagem de pessoa ideal presente na mente da maioria dos sujeitos. Esse ideal é capaz de revelar a percepção dos padrões comportamentais julgados como dignos de aceitação e, ao mesmo tempo, expressa os princípios morais aceitos fornecendo, desse modo, acesso ao ideal de Ego e Superego.

Perguntas semelhantes a: Como seria uma pessoa ideal? Como se comportaria? O que faria e/ou não faria? O que falaria e/ou não falaria? Há um exemplo de pessoa ideal a ser seguido? Podem ser realizadas pelo/pela psicanalista em sessão ou, no caso de uma pesquisa baseada em dados etnográficos, tal como a realizada por mim, essas perguntas guiaram a leitura do material.

Em consequência, a análise do material etnográfico deixou evidente que o ideal de pessoa entre as mulheres negras pentecostais participantes – ideal que, para elas, descreveria “autênticos servos e servas de Deus” – inegavelmente coincide com a visão que elas possuem a respeito de Deus. Seja nos cultos, reuniões de oração, consagrações, ensaios e estudos bíblicos a máxima é “temos que ser iguais a Deus!”. No imaginário cristão, Deus encarnado na pessoa de Jesus Cristo é o modelo de vida a ser seguido (ações, fala, vestimenta, configuração do corpo etc.) e mais, um dia, creem os assembleiano e assembleianas, todos e todas serão transformados exatamente como Ele (o Deus trino)



é. Essa crença versa sobre atributos físicos (fenotípicos) e espirituais, havendo quem encontre base na passagem bíblica de 1 João 3.2 em que está escrito: “ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos” (BÍBLIA, 1 João 3, 2)⁴.

A aparência desse Deus a quem todos e todas devem parecer e de acordo com a qual todos e todas serão transformados se deixa entrever nas respostas das entrevistadas⁵:

Pra mim [Deus], ele é branco, olhos amarelinhos, os cabelos bem longos todos caracolados, a roupa toda de branco... Pra mim, eu imagino ele assim (Entrevistada EVA, 28.02.2017).

Na minha imaginação, Deus é bem bonito... Ele é velhinho, tem barba, a roupa é branca [...] Sobre a cor da pele? Eu acho que deve ser, assim, meio branca, né não?! (Entrevistada AGAR, 03.03.2017). Bom, a gente costuma sempre ver Deus loiro, dos olhos azuis, né...” (Entrevistada DINAH, 28.02.2017)⁶.

É difícil responder, irmão... A Bíblia diz que Deus é aquilo que o olho nunca viu... Em Apocalipse diz que ele tem cabelo branco e longo, uma veste branca, a pele como latão brilhante [...] latão é branco meio prateado, né não?! Então, a pele de Deus deve ser branca meio prateada (Entrevistada ESTER, 27.02.2017).

Fisicamente, é muito difícil dizer como ele é [...] só quando a gente chegar na Glória é que a gente vai saber realmente como ele é [...] as imagens de Jesus nos desenhos da Escola Dominical é sempre ele de barba, cabelo comprido [...] a pele é branca (Entrevistada MARIA, 01.03.2017).

Deus, em termos de aparência... Eu imagino que ele é uma pessoa magnífica, suprema, acima de todas as coisas [...] Deus não é um ser humano como a gente, ele é um ser supremo, espiritual [...] Jesus tem cabelos longos, a pele é branca (Entrevistada LIA, 02.03.2017).

⁴ Todas as citações bíblicas foram feitas a partir de um exemplar da BÍBLIA, português. **Bíblia Sagrada e Harpa Cristã**. Tradução revista e corrigida: João Ferreira de Almeida. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2003

⁵ Os nomes são todos fictícios para proteger a identidade das sujeitas da pesquisa. Isso foi uma condição para a participação delas. Escolhi nomes de mulheres da Bíblia que sofreram algum tipo de violência.

⁶ É muito importante apresentar mais um dado da fala de Dinah dito a mim depois que terminei a gravação da entrevista (ela confessou-me ter vergonha de falar isso durante a entrevista): Dinah imagina Deus não apenas como homem loiro de olhos azuis, mas, para ela, ele é branco e parece “um galã de novela todo malhado”.

Nitidamente, para essas mulheres negras, Deus é branco e essa imagem demanda uma estética específica, valores morais específicos, uma doutrina de configuração de corpos específica, modelos relacionais específicos e uma subjetividade específica. Como demonstrei em um escrito anterior (Alef MONTEIRO, 2020), essa especificidade está intimamente ligada às representações de Deus produzidas e impostas pelos colonizadores europeus nos territórios dominados. Em suma, o Deus dos colonizadores nada mais era do que a personificação dos ideais europeus (inclusive fenotípicos) impostos, via religião, aos colonizados e colonizadas. Com o passar dos anos, a representação do Deus branco, e todo o conteúdo que ela carrega em si, assumiu formatos particulares nos segmentos do cristianismo, mas nunca foi drasticamente ressignificada, reconstruída.

Entre as mulheres do pentecostalismo em questão, a imagem do Deus branco vive, dentre outros exemplos, na persistência da crença de que as “mulheres de Deus” devem possuir cabelos longos, crença essa que considera apenas o cabelo típico de pessoas oriundas de regiões não africanas. No ideal assembleiano, as mulheres de cabelos longos, para quem os cabelos são como um “véu”, devem se ataviar com roupas em estilo europeu, com sapatos e adereços ocidentalizados, pondo à frente representações muito restritas e colonizadoras que contrastam com o fenótipo das mulheres negras.

O ideal de ego dos/das pentecostais (o Deus Branco) e seus princípios normativos que alimentam o Superego individual são transfigurados para o formato feminino. Por conseguinte, o perfil das “mulheres de Deus”, as “profetizas”, “mulheres de oração”, “servas de Deus”, é branco fenotípico e culturalmente europeizado. No jogo do racismo, ressalta Fanon, “o negro quer ser como o branco. Para o negro, há um só destino. Ele é branco. Já faz muito tempo que o negro admitiu a inquestionável superioridade do branco e todos os seus esforços visam conquistar uma existência branca” (Frantz FANON, 2020, p. 239). Parafraseando esse autor, é possível dizer que os/as pentecostais querem ser iguais a Deus (que é branco). Para os/as pentecostais há um só destino. Ele é ser igual a Deus (que é branco). Desde sempre os/as pentecostais apregoam a superioridade do seu Deus (branco) e todos os seus esforços visam conquistar uma existência divina (embranquecida).



3. EFEITOS DO IDEAL DE EGO E SUPEREGO DOS PENTECOSTAIS ASSEMBLEIANOS NA SALUBRIDADE MENTAL DE MULHERES NEGRAS

Para as mulheres negras, as consequências do Ideal de Ego e Superego que decorrem da imagem do Deus branco são devastadoras, uma vez que “realizar o ideal de Ego é uma exigência – dificilmente burlável [...] e a medida de tranquilidade e harmonia interna do indivíduo é dada pelo nível de aproximação entre o Ego atual e o ideal do Ego” (Neusa SOUZA, 1983, p. 33). Citando Freud, Neusa Santos Souza assinala que “há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Ego coincide com o ideal do Ego. E o sentimento de culpa (bem como de inferioridade) também pode ser entendido como uma tensão entre o Ego e o ideal do Ego” (Neusa SOUZA, 1983, p. 34). Esse processo se deixa entrever na fala de uma das entrevistadas:

Vou lhe contar uma coisa que nunca contei pra ninguém... Não suporto ter cabelo assim [crespo]... Eu sempre quis ter cabelo liso. Me dói ler na Palavra de Deus [Bíblia] que a mulher deve ter cabelo comprido porque lhe é honroso e meu cabelo não ficar cumprido. Olho pra umas irmãs da igreja que têm o cabelo por aqui [Agar deu três batidas com a mão reta na cintura] e me bate uma tristeza... Eu nunca vou ter meu cabelo assim grande, comprido... (Entrevistada AGAR, 03.03.2017).

Lágrimas vieram aos olhos de Agar ao me revelar seu desejo e frustração em nunca poder alcançá-lo. O Ego de Agar, assim como o de milhares de outras mulheres negras pentecostais, está longe de coincidir com o Ideal de Ego branco e os cabelos lisos e longos “como véu” que ele apregoa.

Para todas as mulheres perguntei como elas acham que deve ser o cabelo de uma “mulher de Deus” a resposta foi unânime: longo/comprido. Apesar de, quando lhe perguntei, Agar ter me dito que se considera uma “mulher de Deus”. Percebo um aparente conflito entre crer que uma mulher de Deus deve ter cabelo longo e *saber* – em suas próprias palavras – que jamais terá um cabelo comprido que chega até a cintura. Esse conflito entre o Ego e o ideal de Ego causa sofrimento (dor) na entrevistada.



Na sociedade brasileira em geral e, mais especificamente, no pentecostalismo assembleiano, o corpo negro é estigmatizado. Como tal, carrega em si os três tipos mais comuns de estigma registrados por Goffman (1975). Ordenadamente, são: 1) as abominações do corpo, a saber, aquilo que socialmente é considerado deformidade (em relação aos negros e negras, os atos de discriminação racial confirmam que os estigmas são o cabelo crespo, o tom de cor enegrecido da pele, o nariz largo, os lábios grossos, seios grandes e quadril largo); 2) as culpas de caráter individual, “percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo [...]” (Erving GOFFMAN, 1975, p. 14); 3) estigmas que contaminam todos os membros de uma raça, etnia, família ou religião porque são congenitamente repassados. Os estigmas (coisas repulsivas) são rechaçados pelo Superego, por esse motivo, ele impõe ao Ego o cumprimento de seu ideal (Neusa SOUZA, 1983).

O cabelo da mulher negra, o qual é estigma no pentecostalismo, arremessa-as na situação que, segundo Goffman (1975), todo indivíduo estigmatizado enfrenta: ele/ela “está inabilitado para aceitação plena” (Erving GOFFMAN, 1975, p. 7). Por isso mesmo, elas, as mulheres negras, nunca serão plenamente aceitas no modelo pentecostal embranquecido de “mulheres de Deus”. Uma das saídas é esconder o estigma. Perguntei a Agar como ela costuma arrumar o cabelo para ir à igreja (diferente de outras mulheres negras, ela não o alisa porque acredita que é pecado, segundo os “usos e costumes”), a resposta que obtive foi a seguinte:

Eu tenho que molhar ele. Por incrível que pareça, ele molha, viu?! [ela deu risadas] Aí depois que ele tá molhado eu vou passando creme e vou colocando grampos assim, oh! [com uma mão ela puxou o cabelo para trás, de tal forma que ele ficou o mais baixo e esticado possível, e, com a outra mão, colocou os grampos na direção da testa, à parte de trás da cabeça] Aí vou botando grampo por grampo e fica bem bonitinho. Mas eu faço isso só dia de domingo. No dia de semana eu só puxo ele pra trás como eu fiz agora e vou com ele assim mesmo. É que se molhar fica mais bonito. (Entrevistada AGAR, 03.03.2017).



Como pode, Agar tenta esconder o volume do seu cabelo crespo, seu estigma. Quanto menor o volume, mais bonito para ela ele fica. E, por querer parecer bonita aos olhos da comunidade (aprovação grupal), ela molha os cabelos e os prende cuidadosamente quando vai à igreja aos domingos, o dia da semana em que mais pessoas vão ao culto. Pelo que eu soube, para a técnica dela funcionar ela mantém sempre um corte de cabelo bem baixo.

Na mesma semana em que conversei com Agar, em uma pregação, ouvi ser dito que o cabelo foi dado naturalmente à mulher em substituição ao véu, por essa razão, as mulheres devem ter o cabelo longo, nas palavras do pregador: “Deixar crescer o que foi naturalmente dado por Deus é honroso” (Diário de campo do AUTOR, 2017). Imediatamente, pensei em Agar e em todas as mulheres negras presentes naquele dia na igreja e que ouviram o sermão. Aparentemente, para essas mulheres, “deixar crescer o que foi naturalmente dado por Deus” não é honroso.

Nilma Lino Gomes explica que o cabelo crespo que atualmente é um símbolo da identidade negra é alvo antigo da discriminação racial. Uma das explicações é que, diferente da cor da pele, ele pode ser mais facilmente manipulado e adequadado aos padrões embranquecidos do racismo (Nilma GOMES, 2019). No pentecostalismo assembleiano estudado, o estigma racial do cabelo de mulheres negras é potencializado porque o cabelo das mulheres é um indicador da sua devoção e da sua condição de mulher honrada ou desonrada; mulheres que seguem ou não seguem o ideal embranquecido.

Quanto aos corpos, a lógica colorista do racismo brasileiro reproduzida pelo pentecostalismo organiza o tratamento social de acordo com a proximidade em relação ao ideal branco. Maria, uma adolescente negra de pele preta, com cabelo bastante encrespado e que possui lábios e nariz que, também, pelo seu formato, são alvos do racismo revelou ter sido discriminada por diversos adolescentes do grupo da igreja devido à sua aparência. Ao conversar comigo, revelou: “por muito tempo eu sofri por me achar feia” (Entrevistada MARIA, 01.02.2017).

Quanto mais próximo do ideal branco, menos violência e, por conseguinte, há a tendência de menor sofrimento. Nessa situação, o Ego das mulheres negras, em conformidade com um princípio anímico geral



(Sigmund FREUD, 2016), anseia por prazer e quer evitar o desprazer, logo, elas se inclinam à configurar seus corpos em conformidade com o ideal de Ego do Deus branco, mas o sofrimento é sempre contido e nunca eliminado: “[Aliso o cabelo] porque acho mais bonito, fica mais fácil pra pentear e arrumar [...] [Quando aliso] todo mundo elogia, dizem que tô bonita, isso me deixa feliz, e quando não tá liso, me sinto feia... [...] é cansativo sim ter que alisar, mas fazer o quê? Se cresce a gente tem que alisar” (Entrevistada ESTER, 27.02.2017).

Os traços corporais de uma mesma mulher podem variar em sua aproximação ao padrão racial, assim, existem algumas como Dinah, mulher negra de pele clara, mas de cabelos bem crespos que, em sua percepção, chega a afirmar que “o problema não é nem tanto a pele, mas o cabelo” (Entrevistada DINAH, 28.02.2017). Um dos traumas raciais de Dinah diz respeito à sexualização que avilta as mulheres negras. Durante o namoro com o marido, Mário, que é branco, ela suportou vários gracejos violentos ditos a ele por terceiros, acerca da sexualidade da esposa.

Essas agressões vinham tanto de amigos como de familiares de Mário, esses últimos, da igreja. Segundo Mário (narrando os fatos na presença da esposa), diziam-lhe: “Vais ficar com a neguinha mesmo?”, “Êh, se deu bem, hein?! Vai ter muito bezerro”. É importante ressaltar que mesmo o ambiente religioso não constrangeu ou limitou os agressores. Sobre esses momentos, Dinah confessou: “eu me senti muito humilhada. Como podiam pensar essas coisas nojentas de mim só por causa da minha aparência? Se eu não tivesse me refugiado em Deus, eu não teria continuado com o Mário. Era muita tribulação” (Entrevistada DINAH, 28.02.2017).

O racismo institucional também pesa sobre as assembleianas negras. Posturas de afirmação do corpo negro tendem a desqualificá-las para o exercício de cargos religiosos. Ao deixar o cabelo crespo crescer e ganhar o formato Black Power, Maria, ex-regente do grupo de jovens, foi não-oficialmente destituída da regência:

⁷ “Bezerro” é uma espécie de pompoarismo que, no imaginário racista, as mulheres negras seriam especialistas em realizar.



Eu comecei a ter problemas na igreja, por causa da minha aparência, ainda na época em que eu era regente. Eu sempre mantive meu cabelo bem baixinho e quando tinha festa na igreja, que a gente [as mulheres] fazia penteados, eu geralmente fazia chapinha. Mas aí eu comecei a me incomodar com isso. Eu queria ter meu cabelo grande, vi várias fotos de mulheres com cabelos grandes que usam lenços e outras coisas no cabelo, e aí decidi que ia deixar ele crescer e sempre mantive ele bem hidratado. Mas quando meu cabelo tava bem grande, o nosso líder me chamou pra conversar sobre meu cabelo [...] não aceitei cortar, daí ele não me tirou da regência, mas disse que enquanto eu mantivesse minha rebeldia eu não iria mais reger [...] aí até que eu não aguentei mais ficar no banco e entreguei o cargo [...] vou ainda pra igreja, mas isso me entristeceu muito, sim. (Entrevistada MARIA, 01.03.2017).

O racismo institucional se choca com os desejos das mulheres negras e vai além, impondo-lhes a responsabilidade pelas condições de ascensão eclesiástica de seus maridos. Na Assembleia de Deus, para ter acesso ao ministério (cargos eclesiásticos), os homens precisam demonstrar um “bom governo de suas casas”⁸, o que implica em ter mulher e filhos publicamente em acordo com o que a igreja pede. Assim, a mulher que não segue as regras da igreja prejudica seu marido, mas, o contrário não ocorre com os homens. Maridos “infieis ao Senhor” não geram prejuízos morais às mulheres. Frente a essa regra, as mulheres negras estão institucionalmente em desvantagem: além de ter que cumprir tudo o que é exigido das mulheres brancas, elas devem rejeitar a afirmação do corpo negro que são ou prejudicarão não apenas a si, mas também os seus maridos.

Sim, eu já desejei botar aquelas cordinhas [tranças], só não tive coragem por causa das críticas. O ambiente onde a gente vive existe essa discriminação, aí a gente sempre tem medo de ser malvista, aí a gente deixa assim. Também tem o Mário [seu marido, diácono da igreja]... Não só eu, mas ele também ficaria malfalado... É melhor evitar. [...] jamais eu seria líder das irmãs [se referindo ao círculo de oração feminino] se eu botasse as cordinhas no cabelo. (Entrevistada AGAR, 03.03.2017).

⁸ O texto de Romanos 11.15 é usado para embasar essa ordenança.



Ressaltou Agar, mulher negra de cabelos crespos, que já liderou várias vezes círculos de oração em diversas congregações onde o marido foi dirigente.

4. A CANAIS DE DESVIO DO TRAUMA RACIAL DAS MULHERES NEGRAS ASSEMBLEIANAS

Em contextos de sofrimento, caso não existam canais de desvio da energia anímica suscitada pelos traumas, os indivíduos serão consumidos pelos sintomas e findarão na autodestruição. Esse, entretanto, não tem sido o destino da maioria absoluta das mulheres negras assembleianas. O que, então, pode explicar esse fato? Os dados etnográficos me levaram a concluir, como se segue, que o próprio pentecostalismo que reforça o trauma racial oferece pelo menos cinco canais de desvio para a energia anímica.

O primeiro deles consiste no que Fanon chamou de “máscaras brancas” (Frantz FANON, 2020), qual sejam, as estratégias de configuração dos corpos negros conforme o padrão branco, abrangendo indumentárias, intervenções estéticas aos hábitos em geral. Apesar de não eliminar por completo o sofrimento, esse canal o diminui na medida em que consegue afastar o Ego de uma série de desprazeres, sinais de angústia e situações de perigo⁹.

O segundo canal de desvio da energia anímica é o acolhimento comunitário. A vida em uma congregação da Assembleia de Deus não se resume às situações de racismo. Na verdade, entre as várias situações estruturais de racismo que existem, há também a comunidade afetiva, o incentivo à autovalorização, a criação de redes de apoio social. Se alguns comportamentos discriminatórios atentam contra a subjetividade, no círculo de oração se pode contar com algumas “amigas mais chegadas que irmãs”, isto é, amigas verdadeiramente próximas¹⁰ que

⁹ “O Eu anseia por prazer, quer evitar o desprazer. Um aumento esperado e previsto de desprazer é respondido com o sinal de angústia; sua manifestação, seja ela advinda do exterior ou do interior, chama-se perigo” (Sigmund FREUD, 2016, p. 76).

¹⁰ Em momentos de confraternização de aniversário, testemunhei muitas mulheres oferecendo às suas amigas o texto de Provérbios 18.24 que diz “O homem que tem muitos amigos pode congratular-se, mas há amigos mais chegados do que um irmão”.



dão o apoio emocional necessário; há a entrega de cestas básicas organizadas nos cultos de assistência social/“culto do quilo” que, mesmo sendo auxílio material momentâneo, ajudam a aliviar as preocupações impostas pela insegurança alimentar e pela falta de dinheiro gerada pela exclusão racial.

O terceiro canal de desvio da energia anímica é a associação substitutiva, quanto a ele, a partir de Türcke (2013) se pode entender que não podendo eliminar as pulsões excitadas pelo meio, tampouco o fenômeno que causa essa excitação (o racismo), a religião trata os sintomas do trauma direcionando as pulsões para objetos que podem ser tanto reais quanto imaginários. Esse desvio é operado por teodiceias poeticamente tecidas e atualizada nos corpos-mentes dos indivíduos por meio de rituais em que a música, a encenação e o êxtase encontram lugar privilegiado. Desse modo, o indivíduo se sente livre para odiar, com todas as suas forças, o Diabo (sob essa lógica, o causador do racismo) e tudo que se supõe estar sob o seu poder. Dessa maneira, a religião trata os sintomas do trauma sem resolvê-lo em sua raiz. Na verdade, não raramente ela conduz os indivíduos a um círculo vicioso de tratamento dos sintomas e retroalimentação do trauma.

O quarto canal é o oferecimento de uma linguagem performática e verbalizada para se falar/expressar o sofrimento e, inclusive, ressignificá-lo. Por exemplo, existem os hinos que dizem “quem no coração for mais ferido mais daquela glória há de ter”, “você é um espelho que reflete a imagem do Senhor [...] Você é precioso, mais raro que o ouro puro de Ofir”, “você tem um valor, o Espírito Santo se move em você”; “Você é um escolhido [...] você pode estar chorando agora, mas amanhã você irá sorrir [...] quem te ver há de falar: Ele é mesmo o escolhido”, “Apesar das feridas, apesar das decepções [...] apesar das decepções [...] deixa Eu te usar [...] enquanto Eu te uso, eu cuido de tudo que te faz chorar” (Diário de campo do AUTOR, 2017), etc. Por meio de todas essas canções os sofrimentos são poeticamente externalizados/expressados e interpretados.

O quinto canal de desvio da energia anímica é o êxtase religioso. Esse fenômeno consiste em um estado alterado de consciência (Ioan LEWIS, 1977) que, na maioria das vezes, no pentecostalismo, manifesta-se em um frenesi no qual os indivíduos expressam suas emoções em um turbilhão.



Em algumas reuniões vi as participantes da pesquisa, convencidas de estarem sendo tomadas pelo Espírito Santo, vivenciarem experiências extáticas nas quais choro intenso acompanhado por gritos, saltos, desmaios, bater de palmas e rodopios eram performados. Após, o relato de sensação de paz, “a paz que só Jesus pode dar”, afirmavam-me.

O êxtase tem um papel singular na estabilidade emocional. Ao falar sobre os cultos de êxtase em contextos de intensa violência colonial definida pelo racismo, Fanon (2005) observou algo que se assemelha ao que presenciei entre os assembleianos em Castanhal:

Essa desagregação da personalidade, esses desdobramentos, essas dissoluções cumprem uma função econômica primordial na estabilidade do mundo colonizado. Na ida, os homens e mulheres estavam impacientes, inquietos, com os nervos à flor da pele. Na volta, a calma, a paz, a imobilidade voltam à aldeia (Frantz FANON, 2005, p. 75).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado no que explanei até aqui, posso concluir que o pentecostalismo mantém um ideal de Ego e um Superego substancialmente racistas. Esse fato, contudo, é uma interpretação que grande parte dos adeptos não compartilham pelos mais diversos motivos, inclusive, muito possivelmente, o inconsciente. Apesar disso, o sofrimento decorrente do racismo escapa pelas frestas abertas por situações cotidianas. O motivo da permanência das mulheres negras nesse segmento religioso é possível graças aos canais de desvio da energia anímica causada pelo trauma racial, todavia, esses canais são incapazes de resolverem o problema e, por vezes, terminam por retroalimentá-lo e geram a necessidade contínua de utilização de canais de desvio.

Diante dessa circunstância, ofereço este texto enquanto um trabalho de abordagem psicanalítica freudiana que, por isso mesmo, visa trazer à consciência e decifrar os conteúdos do inconsciente, pois parte da premissa de que esses conteúdos não só determinam, em grande parte, a conduta das pessoas, como também explicam os sintomas e indicam caminhos para resolver ou lidar de forma menos prejudicial com a causa dos sofrimentos (Ana BOCK; Odair FURTADO; Maria TEIXEIRA, 2008).



Freud (2016) acreditava que de posse do conhecimento dos conteúdos que outrora estavam encobertos e incompreensíveis, o Superego tem a oportunidade de realizar uma pós-educação e, a partir daí, direcionar melhor o Ego na correção de desacertos pelos quais as influências de autoridades externas foram responsáveis. Orientado de maneira salutar, o Ego pode identificar as repressões e aceitá-las ou reprimi-las definitivamente por meio da resignificação. Quem sabe, a leitura deste texto seja uma ferramenta pós-educativa para mulheres negras pentecostais e/ou profissionais que atendam mulheres negras que chegaram às suas clínicas portando sofrimentos semelhantes aos aqui descritos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli carneiro; Pólen, 2019.
- BÍBLIA, português. **Bíblia Sagrada e Harpa Cristã**. Tradução revista e corrigida: João Ferreira de Almeida. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- BOCK, Ana Mercedes Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BRASIL. **Distribuição espacial da população segundo cor ou raça – Pretos e pardos 2010**. Brasília: IBGE, 2010.
- CARDOSO, Adalto Lúcio. Assentamentos precários no Brasil: discutindo conceitos. In: MORAES, Maria da Piedade; KRAUSE, Cleandro; LIMA NETO, Vicente Correia. (Orgs.). **Caracterização e tipologia de assentamentos precários: estudos de casos brasileiros**. Brasília: IPEA, 2016, p. 29-52.
- DUNKER, Christian. **A arte da quarentena para principiantes**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FANON, Frantz. Racismo e cultura. In: MANOEL, Jones; LANDI, Gabriel (Orgs.). **Revolução Africana: uma antologia do pensamento marxista**. 2. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2019, p. 67-82.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- FRY, Peter; HOWE, Gary Nigel. Duas Respostas à Aflição: Umbanda e Pentecostalismo. **Debate e Crítica**, São Paulo, n. 6, p. 75-94, jul. 1975.



GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. 3. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LEWIS, Ioan M. Êxtase religioso: um estudo Antropológico da possessão por espírito e do xamanismo. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MONTEIRO, Alef. Deus é branco? Um estudo sobre a racialização das representações de Deus no pentecostalismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 12, n. 34, p. 746-773, nov. 2020.

OLIVEIRA, Marco Davi de. **A religião mais negra do Brasil**: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo? Viçosa: Ultimato, 2015.

POPPER, Karl Raymond. Sobre a teoria da mente objetiva. In: **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975, p. 151-179.

SMOLEN, Jenny Rose; ARAÚJO, Edna Maria de. Raça/cor da pele e transtornos mentais no Brasil: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 4021-4030, dez. 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TÜRCKE, Christoph. **Philosophy of Dreams**. New Haven: Yale University Press, 2013.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Submetido em: 10-12-2021

Aceito em: 1-6-2022